

Reino e Reinado: O Reino de Deus e o Reino dos Céus

Geehardus Vos

A palavra grega *basileia*, usada nos evangelhos para “reino”, e as palavras correspondentes no hebraico e aramaico, tais como Malkuth e Memlakhah, como muitas outras palavras em nossa língua, podem designar o mesmo conceito de dois pontos de vista distintos. Elas podem indicar o reino como algo abstrato, o reinado ou governo exercido pelo rei. Podem, também, descrever o reino como algo concreto, o território, a soma total dos súditos e possessões sobre os quais se reina, incluindo quaisquer direitos, privilégios e vantagens que são desfrutados nessa esfera. Agora, surge a questão: em que sentido nosso Senhor falou do “Reino de Deus”? No Antigo Testamento, em que um Reino é atribuído a Jeová, o sentido abstrato é o que prevalece, com a exceção de Ex 19.6, onde os israelitas são chamados de “um reino de sacerdotes” e, portanto, o sentido é concreto, o de um corpo de súditos que são governados. O Reino de Deus é sempre seu reinado, seu governo, nunca seu domínio geográfico. Quando Obadias prediz que “o Reino será do Senhor”, o sentido é que no futuro a supremacia pertencerá a Jeová. A maneira em que a supremacia de Israel sobre as nações é associada com a idéia de reino revela que esse era também o uso judaico comum no tempo do nosso Senhor.

Nós já vimos que a relativa ausência da frase “o Reino de Deus” nas fontes judaicas aponta para a mesma conclusão, pois foi a falta de interesse na verdade que Jeová seria supremo que impediu a frase de se tornar popular. Por outro lado, o conceito de que Deus governaria era para Jesus um pensamento glorioso que enchia sua alma com o gozo mais sagrado. Sendo assim, sem dúvida, é correta a sugestão de escritores modernos que, ao interpretarem os dizeres do nosso Senhor, mostram que o significado de “reino” e “reinado” deve ser o nosso ponto de partida, salvaguardando contra associações enganosas da palavra “reino” que, em uso moderno, praticamente sempre significa o território ou área geográfica. Ainda assim é aconselhável proceder com cautela neste ponto. Já chamamos a atenção para a significativa expansão que Jesus introduziu ao uso corrente da frase. Se para ele esta abrangia todos os privilégios e bênçãos que fluem do Reino vindouro de Deus, então é evidente o quão inevitável ela tenderia a se tornar, em sua fala, uma designação concreta. Significando, primeiramente, “um governo”, o termo passaria a significar, se não um território ou corpo de súditos, pelo menos um domínio, uma esfera da vida, um estado das coisas, todos estes

concebidos mais ou menos localmente. Certamente, embora permaneça a conotação de que o Reino entendido dessa forma é possuído e, portanto, permeado por Deus, a tradução abstrata “reinado de Deus” não mais poderia ser aplicada. De fato, apenas uma rápida observação dos discursos do evangelho revela o quão absolutamente impossível é usar exclusivamente a tradução abstrata em cada exemplo em que o nosso Senhor fala do Reino de Deus.

Apresentada resumidamente, a questão assume a seguinte forma: em alguns exemplos a tradução “reinado” é requerida pela conexão, como quando é dito “o Filho do Homem virá em seu Reino”. Em outros casos, menos raros que o anterior, é possível, ou talvez um pouco mais plausível, adotar a tradução abstrata, como quando lê-se do Reino “vindo”, “surgindo”, “estando próximo”, “sendo visto”, apesar de que nestes e em outros exemplos ninguém pode sustentar que a substituição do concreto tornaria o sentido artificial. Ainda que nenhum dos sentidos seja inadequado, pode-se nesses casos, por razões gerais, inclinar-se a acreditar que a idéia da revelação do poder de Deus como rei ocupa o lugar central na mente do nosso Senhor. Mas há um grande número de passagens, talvez a maioria, em que o tom do concreto claramente predomina. Quando a figura é de “chamado” para o Reino de Deus, de “entrada” nele, deste ser “fechado” ou de pessoas serem “expulsas”, de ser “buscado”, “dado”, “possuído”, “recebido”, “herdado”, todos sentem que tais formas de falar não são o exercício do governo divino em si mesmo, mas a ordem das coisas resultantes, o complexo de bênçãos que este produz, a esfera em que trabalha, que se ergue diante da mente daquele que fala. Levando isso em consideração, podemos afirmar que se *basileia* for traduzida em todo lugar pela mesma palavra, essa palavra deve ser “reino”. Traduzir e introduzir uma distinção entre “reino”, em alguns casos, e “reinado”, em outros, é obviamente impraticável porque, como foi afirmado anteriormente, em muitos casos não temos fatos que nos ajudem a escolher entre os dois.

Ainda menos satisfatória é a recente proposta de traduzir em todos os casos como “a soberania de Deus”, pois não apenas essa prática é inadequada para todos os dizeres em que o uso concreto do termo é sem dúvida presente, como também falha em expressar o sentido abstrato de forma completa e acurada nos casos em que é reconhecido. Soberania denota uma relação de existência por direito, mesmo onde esta não é, na verdade, imposta. No caso de Deus, portanto, não se pode dizer que sua soberania tenha “vindo”. O *basileia* divino inclui como já vimos, além do direito de governar, o verdadeiro e enérgico estabelecimento do real poder de Deus nos atos de salvação.

Além do “Reino de Deus”, encontramos “o Reino dos céus”. O evangelista Mateus usa esta expressão quase exclusivamente. Somente em 6.33; 12.28; 13.43; 21.31,43; 26.29 ele escreve “o Reino de Deus” ou “o Reino de meu Pai” (ou “seu Pai”), enquanto “o Reino dos céus” ocorre mais de trinta vezes em seu evangelho. Em 12.28 o uso de “Deus” ao invés de “céus”

explica-se pela expressão precedente “Espírito de Deus”; não há razões aparentes para a substituição nos outros dois exemplos no capítulo 21. Em Marcos e Lucas a expressão “Reino dos céus” não é encontrada. Esse fato levanta a questão de qual dessas duas versões reproduz o uso de Jesus mais literalmente. Todas as probabilidades apontam para Mateus, uma vez que não existe uma boa razão de porque ele substituiria “o Reino dos céus”, enquanto que uma razão suficientemente plausível para o procedimento oposto por parte de Marcos e Lucas pode ser encontrada no fato de que, escrevendo para leitores gentios, eles poderiam ter pensado que uma frase tão tipicamente judaica quanto “o Reino dos céus” seria menos inteligível do que simplesmente “Reino de Deus”. É claro que, afirmando isso, não implicamos que, em cada caso individual em que o primeiro evangelista escreve “Reino dos céus”, essa frase tenha sido na verdade pronunciada por Jesus. Tudo que intentamos afirmar é a proposição geral que Jesus usou ambas as frases e que Mateus preservou para nós um item de informação que não se obtém dos outros dois evangelhos sinóticos.

Mas, qual é a origem e o sentido dessa frase “o Reino dos céus” e que luz esta traz ao conceito de Reino do nosso Senhor? No judaísmo antigo existia uma tendência de se evitar o uso do nome de Deus. Vários substitutos eram correntes e “céus” era um deles. Além dessa frase em discussão, traços desse discurso são encontrados em Mt 16.19; Mc 11.30; Lc 15.18,21. Essa foi uma forma de discurso que havia surgido do hábito judaico de enfatizar na natureza de Deus sua exaltação sobre o mundo e sua majestade inatingível mais do que qualquer outra coisa, até ao ponto de colocar em perigo o que deve sempre ser a essência da religião, uma verdadeira comunhão entre Deus e o homem. Mas esse hábito, apesar de exponencial de uma falta característica do judaísmo, também teve seu lado positivo, senão o Senhor não o haveria adotado. Em sua natureza humana, Jesus tinha um senso profundo da infinita distância entre Deus e a criatura. O que havia de genuíno temor religioso e reverência a Deus na consciência judaica despertou um eco em seu coração e encontrou nele a sua expressão ideal, desaparecendo toda a unilateralidade que o judaísmo havia agregado. Portanto, se Jesus falou de Deus utilizando o termo “céus” isso não surgiu de um medo supersticioso de nomear Deus, mas de um desejo de nomeá-lo de tal forma a evocar a mais exaltada concepção de seu caráter e ser. Para tanto, a palavra “céus” era eminentemente adequada uma vez que cativa os pensamentos do homem para o lugar onde Deus revela sua glória e perfeição.

Isso pode ser observado melhor em outra frase que, igualmente, apenas Mateus preservou entre os evangelistas, e que nosso Senhor tinha em comum com os mestres judaicos daquela época: a expressão “Pai nos céus” ou “Pai celestial”. Se nessas frases o nome “Pai” expressa o condescendente amor e graça de Deus e sua infinita proximidade de nós, o qualificativo “nos céus” adiciona ao restante sua infinita majestade sobre nós, pela qual o padrão deve

ser sempre mantido em equilíbrio para que não prejudiquemos o verdadeiro espírito de religião. Pode-se afirmar, portanto, que ao se referir ao “Reino dos céus”, Jesus procurava usar essa expressão em um sentido que não era em nada diferente de “Reino de Deus” exceto por uma adicional nota de ênfase à natureza exaltada daquele a quem esse Reino pertence.

A palavra “céus”, entretanto, apesar de primariamente qualificar a Deus e descrever a sua grandeza, não a do Reino, deve também ter sido utilizada por nosso Senhor com o intuito de dar cor a este conceito. Se o rei é alguém que concentra toda a glória do céu em si mesmo, como deve ser seu Reino? Não iremos tão longe ao ponto de dizer, erroneamente, que Jesus desejou despertar em seus discípulos um sentido do misterioso caráter sobrenatural, de absoluta perfeição e magnificência, do valor supremo pertencente a essa nova ordem das coisas e que desejava que eles vissem e abordassem a questão em um espírito que apreciasse essas qualidades santas. Apesar da frase “Reino dos céus” não se achar no Antigo Testamento, a palavra “céus” já aparece em associação significativa com a idéia do Reino futuro. Em Daniel lemos que “o Deus dos céus” estabelecerá um Reino e isso significa que o novo Reino se originará, de uma maneira sobrenatural, do mundo espiritual. Para Jesus, “céus” e o sobrenatural eram idéias cognatas (Mt 16.17; Mc 11.30). O fato de que, na mente de Jesus, a idéia de absoluta perfeição do mundo celestial como determinador do caráter do Reino pode muito bem ter sido associada com a frase “Reino dos céus”, aparece na conexão íntima entre a segunda e a terceira petição no Pai Nosso: “Venha o teu Reino; faça-se a tua vontade assim na terra como no céu” (cf. Mt 5.48). Podemos nos referir a palavras como as de Mt 5.12; 6.20 para indicar a idéia dos “céus” como a esfera de supremos valores imutáveis e o objetivo que devemos aspirar. Tendo em vista o profundo significado que Jesus atribuiu ao contraste entre os mundos celeste e terreno, é bem improvável que “céu”, para ele, era um mero rodeio formal de palavras para Deus. O termo não significava Deus em geral, mas Deus como conhecido e revelado naquelas regiões celestiais onde havia sido a eterna morada do nosso Senhor. Somente com isso em mente podemos ter esperança de entender algo do sentido profundo pelo qual ele chamou o Reino de “Reino dos céus”.

Fonte: *O Reino de Deus e a Igreja*, Geerhardus Vos, Editora Logos, p. 29-36.